



VOZES DAS MARGENS: ANTOLOGIA POÉTICA

COLEÇÃO DE POEMAS PANDÊMICOS

ORGANIZAÇÃO DEE MERCÊS

VOZES DAS MARGENS

ANTOLOGIA POÉTICA

COLEÇÃO DE POEMAS PANDÊMICOS
VOLUME 1



VOZES DAS MARGENS

ANTOLOGIA POÉTICA

COLEÇÃO DE POEMAS PANDÊMICOS
VOLUME 1

organização
DEE MERCÊS

ilustração
NARA NIARA

apresentação
MIDHI PAIXÃO



Copyright © 2021 - Geração de 20
Todos os direitos reservados

Editoração e diagramação: Dee Mercês

PRODUÇÃO INDEPENDENTE

Ficha catalográfica

V956 Vozes das Margens [recurso eletrônico]:
antologia poética / organização Dee Mercês;
ilustração, Nara Niara; apresentação, Midhi
Paixão. - Feira de Santana (BA): Geração de 20,
2021. 50p: il. - (Coleção de Poemas Pandêmicos.
v.1)

ISBN: 978-65-00-22786-4

1. Literatura Brasileira - Poesia. 2. Pandemia -
Aspectos sociais I. Mercês, Dee (org.). II. Niara,
Nara (il.). III. Paixão, Midhi (apr.).

CDD: 869.9

CDU:869.0(81)-1

Elaboração: Maria do Carmo Sá Barreto Ferreira
Bibliotecária – CRB-5/1130

In memoriam
das vítimas da Covid-19

Sou grato a todas as pessoas que acreditaram
e acreditam no potencial deste trabalho,
em especial a Ronaldo Porto pelo apoio em todas
as etapas do processo criativo.

*"O descontentamento é o primeiro passo
na evolução de um homem ou de uma nação."*

Oscar Wilde

SINOPSE

O livro eletrônico intitulado *Vozes das Margens: antologia poética - coleção de poemas pandêmicos* foi organizado por Dee Mercês e reúne poemas escritos sob a influência da pandemia da covid-19. Em memória das vítimas da doença, a obra é a primeira publicação do Movimento Poético Geração de 20, resultado de um trabalho remoto, coletivo e sem fins lucrativos realizado entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, que contou com a colaboração de poetas de vários estados brasileiros. A ideia da antologia surgiu da sensibilidade de valorizar e socializar a poesia brasileira contemporânea produzida especialmente por poetas independentes.

APRESENTAÇÃO

A antologia poética Vozes das Margens chega às nossas mãos como pão fresquinho, estaladiço e cheiroso no desjejum matinal. Alguém se levantou cedo e cumpriu o ritual de preparação com a dedicação de quem sabe que a alma, assim como o corpo, tem suas fomes. A mão foi posta na massa, enquanto muitos dormiam, e juntando ingredientes vindos dos quatro cantos do nosso país, entregou aos famintos, ainda na manhã, este alimento de boa qualidade.

Dee foi impecável nessa tarefa, desde que iniciou o projeto convidando, em rede social, poetas cujos textos contemplassem a temática da pandemia causada pela Covid-19, para que compartilhassem seus escritos os quais seriam publicados no perfil da Geração de Vinte, movimento do qual é mentor.

Acatando o convite, artistas de várias localidades do Brasil fizeram soar suas vozes, doaram seus poemas e nos enriqueceram participando de muitas lives, oportunidade em que socializaram também sobre seus processos criativos.

Servimo-nos de um banquete ao longo de algumas semanas e o brinde à poesia se fez em todos os encontros.

Vinte e três poetas nomearam sentimentos experimentados de forma universal por um mundo que vivência, a um só tempo, o mesmo drama e, em diferentes estilos, expressaram a angústia experienciada de maneira particular e coletiva pela perda de tantas vidas, em um momento de impossibilidade para cumprirmos os ritos que nos são sagrados na morte dos nossos entes queridos. Foram tantas as perdas que uma poeta evoca a vivência de apocalipse.

Essas vozes que ecoam das margens ressaltam a importância da fé e da arte como âncora para não sucumbirmos todos em desespero, tendo como única referência a realidade imediata em momentos como os que ora vivenciamos.

Estamos - sem exceção - frágeis e vulneráveis, de “alma quebrada” – usando a expressão de um dos poetas - e, nessas circunstâncias, é preciso perceber o outro que talvez esteja em maior abatimento do que nós, a quem podemos ajudar para que se agüente um pouco mais.

À medida que adentramos os textos, um alerta nos é dado: precisamos nos refazer. Não podemos nos esquecer de nós mesmos agora que tudo está diferente, quando até o tempo se dilatou e não sabemos bem como lidar com ele. Há uma necessidade de gerenciamento da própria interioridade, nessa travessia, e a poesia é apontada como algo palpável do qual podemos lançar mão na reelaboração de nossa centralidade.

O canto que vem das margens ressalta que a saudade nos dilacera e que o abraço, tão importante para a acolhida do outro, foi-nos tirado. A tristeza tomou conta dos vivos enquanto a morte faz sua ronda louca pelo mundo. O que fazer diante desse quadro?

Ninguém apontou uma solução. Mas não é papel do artista da palavra fazê-lo. O seu dever é nomear o inominável, é iluminar um caminho que está escuro enquanto cada um pega o instrumento que lhe compete e exerce a sua função na busca da solução para o mal-estar que nos aflige.

O papel do artista aqui foi feito e, ao contrário do que alguns pensam e proclamam em alto e bom som, esse papel é deveras importante. Bertolt Brecht já dizia: “todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.”

E se assim não for, valho-me das palavras da cantora Zélia Duncan no seu texto: Vida em Branco “se você não precisa de artistas/então devolva os momentos bons/os versos roubados de nós.” Duvido que alguém o faça, pois tudo o que não desejamos é uma vida sem cor, sem beleza, sem graça. E a poesia, mesmo nos escombros, se revela pelas mãos de quem sabe percebê-la e registrá-la.

Midhi Paixão

Portugal, 7/5/2021

SUMÁRIO

Aira Maiger	14
Arthur Ribeiro	15
Clareanna Santana	16
Dee Mercês	18
Diego Missaci	20
du massari	22
Fabiana Souza	24
Fernanda Santos	26
Gustavo Mendes	27
Júlia Naelly Machado Silva	29
Karolzinha da Silva	30
Letícia Negretti	32
Luiz Henrique Campos Frutuoso	33
Marcos Fernandes	34
Marian Koshiba	36
Marlete Marculino Novaes Barros	38
Matuta Contemporânea	40
Midhi Paixão	41
Niellem Rodrigues	43
Priscila Silvério	44
Rômulo Cezar Viana de Lima Júnior	46
Sergio Batistel	47
Teu Poeta	49

2020

Esperamos
No purgatório do apocalipse
Aquele que causa todas as dores
Aquele que cura todas as dores
Pelo resultado de nossa fé

Esperamos
O histórico momento
Para sermos quem já fomos
Para sermos quem seremos
Pela solução que nos libertará

Aira Maiger nasceu em 1991. Escreve irregularmente em @aira.maiger - Instagram e Medium. Seus poemas têm sortilégio, enfeitiçam, surram pré-definições, definições e pós-definições, não se entregam, não se deixam apreender, ficam latejando na inquietação mental, espiritual e cármica que criam.

SONETO IV

A morte sobrevoa com o cântico celeste.
Recobre povo e terra em risos implacáveis,
Chistes maldosos, sobre corpos incontáveis
Que sucumbiram com uma nova peste.

Multidões desesperam-se com tal canto crítico,
Trágico, mórbido, estático, satírico...
Relembrando os agouros presos nos papiros
Caímos como moscas, pelas mãos dum vírus

Que nos lança à terra com rubra frialdade!
E, tal como a guerra dos cristãos e muçulmanos,
Esse mal-estar dos povos perdurará por anos

— Eis o castigo magnânimo da divina trindade
Seja esse canto - oh, morte! - o último da humanidade
Sejamos nós a poeira varrida para debaixo dos panos!

Arthur Ribeiro nasceu em Salvador, em 2001. Escreve desde os 13 anos e, atualmente, vive na cidade de Mundo Novo, Bahia.

2021

foram 480 dias, talvez mais,
em que andei pra frente
olhando pra trás.
numa trilha entre sala, quarto
e coxinha
comi a vida como se não houvesse amanhã
e não tinha.
o coração
– peça barroca –
bate dramático e cansado
na boca, o gosto de sangue venoso
misturado ao refrigerante insosso,
uma bola de pêlo no estômago
e no peito, um pássaro morto.
tentando sair bem
no reflexo da tela,
sobrevivo à mais um ano
consciente que no próximo
não mudará tanto.
desejando que a sociedade sobreviva
e, ainda que perdida,
possa se renovar
com o melhor do ser humano.

SAUDADE

Saudade é água fina
que cai da torneira,
aquele ar frio da geladeira,
vento torto do ventilador.
É a eterna quietude na sala,
bagunça de cama usada,
silêncio do despertador.
Saudade é erva-doce na xícara,
o cheiro de maresia que fica,
é a voz do cantador.
Não há presença que aquieta,
nem sonho que acalma.
Ora música que embala,
ora sofrimento de poeta.

Clareanna Santana (1987), antropóloga e cientista social, nasceu na Bahia e na Paraíba se tornou poeta. É brincante das artes desde a infância. Ig: @clareamente

CICATRIZES

Um vírus esculpe-se
na pupila da memória
deixando cicatrizes
como quadros fixados
na parede da história

ESPERA

Regozijam-se os mortos
que partiram desse triste mundo
de meu Deus

Enquanto a mim
desalentado
- pela Eternidade -
guardo ser chamado

Dee Mercês (Bahia, 1993) é poeta, graduando em Letras com Espanhol pela UEFB, pesquisador das poéticas orais do interior da Bahia, poeta e idealizador e criador do Movimento Poético Geração de 20.

ELDORADO - POEMA 01

É um período confuso,
de muitas cores,
atalhos e fugas,
de noites eternas
e autoexílio.

Um tempo que ciranda
sem qualquer pressa
pelas árvores e aves noturnas . . .

Nada me leva
se não às florestas,
a rumos perdidos,
buscas impossíveis
desse 'eu'
no 'eu' mais íntimo,
esse ser que desconheço
e que me habita,
a percorrer comigo
as paisagens mais distantes,
áridas,
e jogar-me no abismo
sem que eu sinta.

Nada me leva
senão um cometa,
uma estrela decadente

uma lágrima cítrica,
ácida, corrosiva;
um poema
que jamais verá a luz do dia.

Sozinho
me reflito
nas águas calmas
do meu juízo.

Diego Missaci é poeta que recusa a sê-lo, aprecia silêncios e vertigens.

A ETERNIDADE NÃO ATRASA

isolamento, pandemia, quarentena
tormento que só acontecia no cinema
e de repente nos bate à porta de casa:

a decadência de uma estrutura desigual só acena
é pela evidência que agrura o mais real problema
nos obrigando a ir além da parte rasa

mais chance pra que a sintonia de encarnada
antena
enfim se lance à frequência elevada que nos
amena:
a eternidade não atrasa!

O INVISÍVEL EXISTE

imprevisível e inusitado
inesperado e indefinido,
o futuro do passado
é o presente vivido,
e nesse momento agitado
pra variar, tô perdido

já não nos meus próprios caminhos,
como de costume,
agora só há um caminho
e nada vai passar imune,
quiçá, fortalecido
passará, se protegido

e como se proteger
daquilo que não se vê?
necessário saber, mas talvez (tomara!)
já menos causa pro que há de vir
quanto a sensatez que encara
enfim, assumir:

o invisível existe!

du massari mora no interior de São Paulo, nasce em Itápolis há 35 anos, 12 deles em Araraquara formando e trabalhando em universidade pública, abandonando-a há 5 para, junto de seu companheiro, viver a Água Rasa, chácara onde hoje cozinha, planta, escreve e canta, em alternância sazonal com o incrível sul da Bahia.

PAISAGEM NO ESPELHO

Emagreci uns quilos
na silhueta do espelho.
E os cabelos também cresceram
na planície das costas.
A barba teria que fazer,
para assentar melhor na máscara,
mas os pelos do corpo encaram a preguiça junto
com as unhas.

E a silhueta dela também se desenha mais fina
agora,
nas minhas mãos.
Os corpos
passam mais tempo deitados
do que de pé.
A *anima* se foi.

No espelho do banheiro,
dentro da moldura que a palma da mão
desenhou ao secar o vapor
e abrir caminho para os olhos
— os olhos —
estão meio mortos,
cercados de fuligem
e depressões desérticas,

a mirar uma ilusão de ótica
que se parece com água,
mas é lágrima.

Fabiana Souza é escritora e ilustradora independente do sul de Minas Gerais. Sua coletânea de 13 dias poéticos, motivados pela pandemia, estão no Medium e no Instagram. "Paisagem no Espelho" equivale ao dia oito.

RESPIRAÇÃO

Assumo o peso de estar só,
e, enquanto a chuva cai sobre mim,
Decido abrir os braços
E me acolher.

Sem poder abraçar,
Assumo o peso
de todos estarmos próximos do fim
Decido abrir os braços
E sobreviver
Porque é um doer constante
Estar-fora-de-mim

Assumo o peso de respirar
Decido abrir os braços
E, finalmente, voar
Porque é um doer constante
Não poder nos salvar

Fernanda Santos, nascida em Feira de Santana-BA, tem 23 anos, é graduada em Letras Vernáculas (UEFS), mestranda em Estudos Literários (UEFS) e professora de Língua Portuguesa pela Rede Municipal de Feira de Santana. Escreve desde a adolescência. Tem poemas publicados em duas antologias do Concurso Municipal de Poesia de Feira de Santana.

MINHA VIDA EM PAUSA

eu enxergo minha vida inteira como um frame congelado de um filme. como se alguém tivesse pegado o controle e apertado o gigantesco botão de STOP. meus compromissos e responsabilidades estão cristalizados no ar como garoa que virou geada antes de tocar a superfície, e pairam sobre mim como cristais. meus alarmes estão todos desligados; faz semanas que não lembro de dormir na minha avó ou de tomar meus remédios (que, inclusive, já acabaram há dias). eu durmo na sala, olhando pro sol do início da manhã iluminando as estantes até cair no sono, porque não aguento mais o horizonte do meu quarto. meus santuários me entediam, e meus refúgios me sufocam. quão terrível é essa vida em pausa...

lá fora, a vida continua. se eu fizer bastante força, consigo imaginar os andarilhos errantes nas ruas desertas. consigo ver seus olhos opacos e sua passada apressada. consigo ouvir os números (pilhas de cadáveres que ninguém consegue mais contar) ecoando em suas cabeças cheias. consigo até sentir o gosto de sangue que eles têm na boca! engraçado... o sabor metálico do icor mundano é o mesmo que eu imagino que um centavo teria, azedo e aversivo. por que será, então, que o sangue é mais barato que a moeda?

mas nada disso importa, porque suas vidas seguem em frente! diferente da minha vida em pausa...

eu já raspei a cabeça e pinteí minhas unhas de preto tentando conseguir gotas de euforia pela via rápida da

mudança estética. a pilha de livros da minha cabeceira, colossal aglomerado de histórias que nunca parei para ouvir, diminui a cada dia, ao passo que minha lista de filmes assistidos vai se tornando mais e mais robusta. (talvez, quando isso tudo acabar, eu seja cinéfilo.) já busquei atenção de estranhos em todas as redes sociais possíveis, e acho que já vi todo rosto dessa pacata cidade suspensa. o ócio é um monstro terrível, uma hidra de sete cabeças que lambe meus pés e mordisca meus dedos, ameaçando me engolir por inteiro.

será que as pessoas lá fora, com seus demônios invisíveis os comendo de dentro pra fora estão entediados como eu? penso que não. afinal, eles estão na ativa! provavelmente, o sussurro baixo dos elogios fúnebres e os dedos pesados da morte iminente não os deixam parar pra pensar no ócio.

sortudos. não estão com a vida em pausa como eu...

Gustavo Mendes (2001), nascido e morador de Goiânia, é estudante de Psicologia, estudante de intérprete de LIBRAS e poeta. Escreve desde os 4 anos, poetiza desde os 15 e publicou seu primeiro livro, "Flores suicidas", aos 18.

TEMPOS DE PANDEMIA

Nos tempos de pandemia
A distância fica maior
O contato fica menor
Um abraço é perigoso
E aquele sorriso no rosto
Se torna oculto
Diante da situação do mundo

Júlia Naelly Machado Silva tem 20 anos, é estudante de Licenciatura em Química e mora em Cocal, Piauí. Escreve poesia desde 2014. Em 2020 criou o IG @molsdepoesia, para compartilhar as suas poesias com outras pessoas. Gosta de falar sobre amor, recomeços e vida.

UM SOPRO

a vida é um sopro
2020 é um soco
o bagueio é louco
sangro muito
choro pouco

belchior errou de novo
esse ano eu também morri

aliás, sempre morro
mas canto mesmo assim.

MEIO POETA

o mundo desabando
de ponta-cabeça

e eu com meus versos
sem eira nem beira

tentando tapar
o sol com a peneira

sou meio poeta
que sonha ser inteira.

Karolzinha da Silva é cantautora, escritora e psicóloga da periferia de Guarulhos (SP). Autora dos livros "Frô de Cactus" (2019) e "Bora prosear um pouco?" (2021), acredita na arte como instrumento de resistência, empoderamento feminino e transformação social.

CANCELA

Hoje a cancela
Supera a guilhotina

Todos segurando
A primeira pedra
A postos
Prontos pra descarregar
A raiva do dia a dia
Em quem falhar primeiro

Vivemos na era
Que a mente aberta
Seleciona o que tolera
Com critérios estranhos
E duvidosos

Estão caçando cabeças
Na direção errada
Perdoa-se as laranjas
Condena-se os fodidos

Bem vindos a era do mal
Onde a lacração é religião
Ciência é conspiração
E ninguém derruba o capitão

Leticia Negretti é atriz, dramaturga, poeta e formada em Audiovisual. É atriz e dramaturga nos espetáculos "Contra AI-5 - Mulheres em Luta", "#Nãoéproblemaeu" e do monólogo "Beberei Menos Se Me Amores Mais".

PRESOS EM CASA

Presos em casa
minha mente se prendendo
sigo com dificuldades de assimilar
tudo o que está acontecendo.

Sinto falta de poder ver as coisas
como elas são
ou melhor, além do que são
hoje, tudo o que eu vejo
é escuro e
sombrio
por favor, me acorde desse pesadelo!

Oro todos os dias
para que isso tudo acabe
e as cores da vida
retorne aos meus olhos.

Luiz Henrique Campos Frutuoso é autor de 3 livros digitais:
"confusões de sentimentos", "meu coração pulsa intensidade"
e "transição", todos disponíveis em PDF.

ÂMAGO

Tenho medo de um dia perder o amor
Porque nele carrego
Todo o peso das minhas experiências.
Tenho medo de acordar sozinho
E não ter ninguém para me desejar
um bom dia.

Não tenho medo da roda gigante,
Mas sim das voltas incansáveis que ela dá
E estar sempre com gente diferente.
Tenho medo de não gravar meu nome
Na história por não ter o que contar.
Será que hão de lembrar do que já fiz,
Mesmo não sendo tão importante assim?
Não tenho medo de andar a cavalo,
Mas sim do contato com o chão
Numa provável queda.

Tenho medo de um dia ficar acuado.
Tenho medo de um dia não suportar
meu fardo.
Tenho um terrível medo de subir
uma montanha,
Não por medo de cair,
Mas sim da sensação de estar no topo.

Tenho medo de um dia abandonar tudo
Por medo de não conseguir avançar
E até mesmo do que pode acontecer
Após o passo seguinte.

Já não tenho medo das dúvidas,
Mas sim das respostas.
Vou confessando os meus medos
E assim vou vencendo.

Marcos Fernandes é maranhense, 34 anos, contador e escritor, vencedor de algumas edições do Concurso Nacional Novos Poetas, da Vivara Editora, do Concurso Nacional Novos Escritores e do Prêmio Poeme-se, da Academia Maranhense de Escritores.

COMPASSO DE ESPERA

Põe em espera
Os abraços de hoje
os carinhos de ontem
Os afetos de sempre

Posterga o desejo premente
Sossega os desvarios da mente
Aquieta o ímpeto latente

Tuas vontades
Não são mais ordem
Teus sonhos são prisioneiros
Tuas lutas serão solitárias
Teus medos são grama
em terreno fértil
E não podes fazer nada.

Teu sonho cabe em mais uma janela
D'um enorme bloco cinza
Entre um mar de outros cinzas
Mas sem concretude

Mais um entre mil desejos
Estáticos
O ontem, o hoje e o amanhã

se confundem e se mesclam
Como em filmes mudos, cinzas e
Patéticos.

Marian Koshiba é artista amarela formada em Direito pela USP, é escritora de prosa e principalmente de poesia, além de cantora, compositora e produtora cultural. Teve seu trabalho escolhido em antologias e coletâneas de diversas editoras, além de revistas, portais da Internet e performances artísticas.

CHÃO

Serra talhada
Cheiro de terra
Tristeza que chega
Dentro e fora do ser
Sonho que guia
Deixou um pedaço de si.

CÂNTIGO

Entoou o lamento
Sangro.

Expurgo a dor
Nela me tranço
Monto-me distante
Até o corte.

Marlete **Marculino** **Novaes** **Barros**
Feirense/Baiana/Nordestina, mãe, arte-educadora,
pesquisadora, artesã e membro do GEPPPO/UEFS - Grupo de
Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais.

NOVO NORMAL

Oh coisa doida é esse tal do "novo normal", expressão esquisita que me deixa um tiquin agoniada. É mudança por cima de mudança, normal ficar um cadin ariada. Mais de três pessoas é aglomeração, pra entrar em qualquer canto passa álcool em gel na mão. Usar máscara nem se fala, já é mais que obrigação... Oh coisa doida é esse tal do "novo normal", expressão esquisita que me deixa um tiquin agoniada. É a realidade, o jeito é viver contornando a caminhada. Mais cumpoca sem temor, vamos poder nos abraçar, dá um xeru no cangote e pessoalmente conversar. Miolo de pote, acredite, destá...

Matuta Contemporânea (2000) é universitária de São Benedito, na Serra da Ibiapaba, Ceará. Fresca com as palavras cuidando da sua tristeza e admirando a solidão.

SOCORRO

Alguém grite meu nome.
Grite alto, lá de fora,
quero desenlouquecer.

Me chame pra rua,
onde brinquei em menina,
hoje impossível de estar.

Alguém diga que não há perigo,
que morreram os assaltantes,
o vírus, certos governantes não há.

Gritem: vem! Insistam comigo
pra eu passear na calçada
de ombro dado a tanta gente
que me ajude vibrar.

Alguém me avise das passagens
novas ou velhas, se ainda as há.
e me salve dos tropeços
em pé de cama
e das tralhas que espalhei
tentando me segurar.

Alguém me diga
que o mundo continua

e que é possível esquecer
esta hora sombria, desassistida
de ver tanta gente desaparecer.

A guerra como era menos me afligia.
O inimigo à vista
de bala alguma morria.

Gritem meu nome mais forte
sacudam meu adormecer.
Alguém que ainda de pé
me possa socorrer.

Midhi Paixão é poeta, autora do livro de poesias "Tocando Palavras". Vive hoje em terras lusitanas com poemas publicados em várias antologias, no Brasil e em Portugal. Mantém o perfil poético @poesia.midhipaixao, no Instagram.

SORTE!

Sorte de quem tem
um lar seguro
e não
adoece de vírus
tampouco de tristeza

Niellem Rodrigues (1995) é moradora da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro - São Gonçalo, professora de Língua Portuguesa e Literatura e escreve desde os 15 anos. Possui algumas conquistas literárias significativas: um livro solo, duas antologias e um conto publicado.

DONA MARIA

primeiro foi o marido
entubado às pressas
sem resistir

depois o filho
na falta do respirador
exalou ao partir

a filha que persistia
num rompante secou
a última lágrima de Maria

O PRÓXIMO

É o outro que morre nos jornais
Nunca eu, nunca você

É quem perde ânimo e pulmão
Estatísticas que fingimos esquecer

É quem causa e quem fica em casa
Mas não a gente, já, já passa

O próximo é quem não abre os olhos
E quem não aguenta mais ver
Hoje eu, amanhã você

#sepuderfiqueemcasa

Priscila Silvério nasceu, cresceu e poetizou suas primeiras linhas em São Paulo. São prosas, poemas, haicais e reflexões sobre tudo que dói, inspira e desperta poesia. Você pode conhecer mais do seu trabalho pelo Instagram [@deondeeusinto](#).

BENDITOS TROVADORES

Neste mundinho de horrores,
Doenças e seres perversos
Benditos os trovadores
Que transformam dor em versos

Rômulo Cezar Viana de Lima Júnior é um poeta iniciante, escreve apenas nas horas vagas conciliando o trabalho, filho, esposa, estudos e o amor pela poesia. Tem como preferência o gênero literário Trova. Gênero que só conheceu em março de 2020, quando se iniciou a pandemia. Foi amor à primeira vista.

PANTOMIMA PANDÊMICA

para quem tinha sempre
uma máscara atrás do sorriso,
deve ser difícil manter, agora,
um sorriso atrás da máscara...

MUNDO DOENTE

o mundo está doente.
e não falo do vírus, falo da falta
de consciência da responsabilidade
de cada um sobre o outro; falo da falta
não mais de empatia,
mas de uma mínima irmandade de espécie.

o mundo está doente,
e não há remédio nem vacina:
não adianta nem prece.

(16/04/2021)

Sergio Batistel é formado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Autor dos livros "Achados e Perdidos" (Texto e Contexto, 2019) e "Poemas de rodapé" (Olaria Cartonera, 2021), também publica poemas nos perfis do Instagram @sergiobatistel e @achadoseperdidoslivro.

UM ANO DIFERENTE

Parece mentira

Não é possível que seja verdade

Tenho calafrios só de pensar que preciso ir ao centro da cidade.

Pode ser que eu esteja dormindo

Talvez seja outro pesadelo, é estranho sinto como se fosse real...

Espera, será que estou sonhando ou vivendo uma triste realidade?

Já sei: *“Alô, é dá emergência?” “Sim, como posso ajudar?”*

“Que dia é hoje?” “5 de Setembro de 2020”

“Ok, obrigado”

Não é possível, faltam apenas 117 dias para o ano terminar,

Aonde foi que eu errei? Como assim eu nada aproveitei...

Ah não, eu lembrei... É que esse ano tudo foi diferente

Eu sempre dizia *“Eu quero isso, preciso daquilo...”*

Depois de tudo isso que passou eu só tenho a agradecer por tudo que tenho,

Estou com saúde e eu e minha família estamos bem!

GERAÇÃO DE



***Vozes das Margens: antologia poética - coleção de
poema pandêmicos é uma edição
do Movimento Poético Geração de 20***

Feira de Santana - Bahia - Brasil - 2021

E-mail: geracaode20@gmail.com

www.geracaode20.org